

## **A GARANTIA DO DIREITO À EDUCAÇÃO PARA SURDOS NA EXPERIÊNCIA DE INTERPRÉTE E ESTUDANTE**

**Keyla Emanuela Padilha de Santana<sup>1</sup>;  
Ronaldo Lourenço Santana<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup> Centro Universitário Osman Lins da Costa/UNIFACOL, keylasantana747@gmail.com

<sup>2</sup> Centro Universitário Osman Lins da Costa/UNIFACOL, rlsantana1192gmail.com.br

**Palavra-chave:** Comunidade Surda, Direito à Educação, Experiência acadêmica

A universidade é lugar de conhecimento e consolidação da cidadania. A comunidade surda vem se apropriando desse espaço, sobretudo se mostrando capazes de conhecer e estabelecer propostas e práticas para abordagens mais adequadas e adaptadas, marcando presença nas diversas áreas acadêmicas, essa chegada, em si, é um marco. O ponto de partida para compreender a luta da comunidade surda por reconhecimento linguístico e cultural tem mais visibilidade através Congresso de Milão, ocorrido em 1880. Na ocasião, educadores ouvintes decidiram, sem a participação de surdos, que a oralidade deveria ser o único método de ensino para pessoas surdas. Essa decisão marcou o início de um longo período de repressão ao uso da Língua de Sinais, sendo considerada uma prática inferior à fala oral. Assim, a oralização foi imposta como padrão, desvalorizando a identidade surda e dificultando o acesso à educação em uma língua visual. Hoje, a academia recebe os surdos como estudantes de licenciaturas diversas através de uma lei que permite a continuidade de avanços, o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, regulamentou a Lei nº 10.436 e trouxe diretrizes importantes, como a obrigatoriedade do ensino da Libras nos cursos de formação de professores (licenciaturas) e de fonoaudiologia, medida essencial para garantir aos futuros educadores o preparo necessário para atuar com a diversidade linguística nas salas de aula, respeitando a especificidade da comunicação surda. O decreto também estabeleceu o direito dos surdos a uma educação bilíngue, com a Libras como primeira língua e o Português como segunda, esse processo segue se firmando, mas é a partir dele que chega a Letras Libras dando ênfase a língua de sinais, sobretudo colocando os surdos enquanto protagonistas, em um processo faz parte de uma reparação. Quando o passado da comunidade foi marcada por limitações impostos pela comunidade ouvinte, que não envergava as capacidades de um grupo que continua em busca de seus direitos e cidadania. Nossa experiência, enquanto estudante com surdez, intérprete de Libras e docente vem se construindo a partir de desafios cotidianos que nos provocam a refletir sobre inclusão, cidadania e direito à Educação. Acessar o curso de Pedagogia, neste sentido, é mais que uma realização pessoal, familiar, e de toda comunidade surda que vêm lutando pela acessibilidade. Com o objetivo de ser professora para alunos com surdez ou



surdos, temos a nossa integração: estudante, intérprete e docentes em busca da formação profissional. Como surda oralizada preciso do intérprete, que assina conosco este relato, para facilitar o entendimento. Logo que ingressei na UNIFACOL percebi a diferença no contato com o professor Anderson Ramos que sabe se comunicar em Libras e facilitou o aprendizado. Ser acolhida assim, com uma metodologia visual, onde pude também ensinar alguns sinais nos inícios de aulas e os colegas de turma agora já interagem, melhorando o relacionamento e a inclusão na sala e nos espaços da instituição, sem preconceito. Portanto, temos rompido obstáculos, os estudantes com quem convivo e docentes são desafiados a cada dia com a minha presença, mas percebo o esforço de todos, juntos podemos mostrar que é possível, para os surdos, o exercício da Pedagogia e Docência.

